

## A ÉTICA DO VOLEIBOL E O ESPÍRITO ESPORTIVO

### ETHICS IN VOLLEYBAL AND THE SPORTING SPIRIT

Quéfren Weld Cardozo Nogueira\*

---

#### RESUMO

Este trabalho investiga como o esporte oferece normas de comportamento que justificam, aprovam e proporcionam as vitórias conquistadas em jogos e competições. Para tanto, são analisadas reportagens sobre a seleção brasileira de voleibol da denominada 'Era Bernardinho'. Como possuidor de um tipo de racionalidade fundada na disposição de jogadores em adotar determinadas condutas práticas, o esporte é fornecedor de normas, valores e práticas que caracterizam o modo esportivo de ser.

**Palavras-chave:** Esporte. Voleibol. Comportamento.

---

#### INTRODUÇÃO

O estudo do esporte em qualquer uma de suas modalidades requer a apresentação de um conjunto de argumentos que abarquem seus sentidos na sociedade atual. Como se trata de uma manifestação com presença marcante em diversas esferas sociais, inúmeras são as possibilidades de investigar as dimensões das modalidades esportivas. De qualquer forma, a definição sobre o que é esporte nos conduz à busca de elementos capazes de comparar e distinguir as atuais modalidades esportivas de práticas atléticas executadas em tempos remotos. Vale a pena indagar, assim como faz Bourdieu (1983), sobre a possibilidade de o esporte moderno aparecer como uma ruptura com atividades "ancestrais", cujas características constituíram um campo específico dotado de regras, lutas próprias e nas quais se engendram e se investem competências específicas. Neste sentido,

Esta comparação só tem fundamento quando, indo exatamente na direção inversa da busca das "origens", tem como objetivo, como em Nobert Elias, apreender a especificidade da prática propriamente esportiva ou, mais precisamente, de determinar como

alguns exercícios físicos preexistentes passaram a receber um significado e uma função radicalmente novos – tão radicalmente como os casos de simples invenções, como o vôlei ou o basquete – tornando-se esportes definidos em seus objetos de disputas, suas regras do jogo e, ao mesmo tempo, na qualidade social dos participantes, praticantes ou espectadores, pela lógica específica do "campo esportivo" (BOURDIEU, 1983, p. 138).

Apesar de possuir semelhanças com atividades ancestrais, o esporte moderno possui raízes no processo de modificação de jogos populares e da nobreza inglesa para atender a novos padrões de vida condizentes com os processos de industrialização e urbanização das sociedades, tecnologização dos meios de transporte e comunicação, surgimento dos sistemas nacionais de ensino, aumento do tempo livre, dentre outras particularidades (BRACHT, 1997). Como aspectos inseridos nos processos mais amplos de secularização e racionalização da sociedade moderna, ao acatar as características do esporte como sendo, de acordo com Guttman (1979 apud BRACHT, 1997), secularização, igualdades de chances, especialização de papéis, racionalização,

---

\* Mestre. Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

burocratização, quantificação e busca de recordes, aponta-se para o modo como o esporte se constitui como instituição social para conformar a si mesmo e a sociedade como expressões da modernidade.

Além disso, Nobert Elias considera o esporte como parte de um processo em que um “impulso civilizador” pressupõe o desenvolvimento geral de “códigos de conduta” e de “regras impostas de etiqueta” cuja diferença principal está num posicionamento contra a violência dos jogos antigos. Como uma prática gestada para manter o equilíbrio de tensões e como um antídoto para as rotinas racionais da vida, o esporte moderno é parte de um processo de racionalização das condutas, controle mais severo das pulsões, emoções e afetos e uma pacificação de certas zonas sociais (GARRIGOU, 2005; COURRY, 2005).

Como consequência, o esporte perpassado por aspectos técnico-burocráticos é acompanhado de certos tipos de comportamento que distinguem e evidenciam o modo esportivo de ser ou o “espírito esportivo”. Secularização, igualdade de chances, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recordes são parceiros de modos de conduta que configuram uma prática como esportiva.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é investigar o modo como o voleibol, tido atualmente como uma das principais modalidades esportivas do país, é construído e divulgado como possuidor de normas de conduta quando da participação de jogadores e da equipe técnica em jogos, treinamentos e competições. Com isso, será possível compreender a normatização de condutas como umas das principais características do esporte moderno, elemento fundamental na construção do modo esportivo de ser.

### CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Para discutir o modo como o voleibol apresenta modos de conduta que orientam a participação em modalidades esportivas, será feita uma revisão de caráter descritivo-discursivo de reportagens impressas sobre a seleção brasileira masculina de voleibol, sob o comando do técnico Bernardo Rezende, em uma

fase denominada de a ‘Era Bernardinho’ (iniciada em 2001, quando o referido treinador assume a seleção brasileira masculina de voleibol). As reportagens focam primordialmente o período do XVI Campeonato Mundial, realizado no Japão entre os dias 17 de novembro e 03 de dezembro de 2006, quando a equipe brasileira consagrou-se bicampeã mundial.

A partir da análise de publicações feitas principalmente pelo jornal Folha de São Paulo, será feita uma discussão sobre os modos de conduta pertinentes às práticas esportivas, destacando a maneira como as publicações apresentam o comportamento dos jogadores como o caminho para a formação de uma equipe vitoriosa. Nesse contexto, considerando, com Kellner (2001), que os atuais meios de comunicação criam e reproduzem discursos cujas representações moldam opiniões políticas e comportamentos sociais, a parceria entre esporte e cultura da mídia permite que matérias de jornais, revistas, programas televisivos, etc. sejam tomados como importantes fontes de análise e investigação.

Obviamente, tais modos de conduta foram tomados como “tipos ideais”, para serem aglutinados na busca de dados consistentes para atingir os objetivos propostos. Segundo Bauman (2008), os “tipos ideais” representam a tentativa de construir modelos essenciais com o intuito de tornar inteligíveis evidências da experiência que se apresentam de maneira fragmentada. O objetivo é fazer com que as práticas cotidianas façam sentido pela construção de modelos que deliberadamente postulam a homogeneidade, a consistência e a lógica. Mesmo com consciência da complexidade, multilateralidade e heterogeneidade das práticas do dia-a-dia, a proposição de modelos “adequados ao nível do significado” pode abrir portas para que tenhamos consciência das similaridades, diferenças, conexões e descontinuidades das experiências cotidianas (BAUMAN, 2008, p. 35). Como consequência,

Esse ponto de vista (do qual falaremos adiante) não é, de mais a mais, o único possível a partir do qual podem ser analisados os fenômenos históricos que investigamos. Outros pontos de vista produziriam, para esse como para

qualquer outro fenômeno histórico, outras características essenciais (WEBER, 2005, p. 45).

### O ESPORTE MODERNO E AS REGRAS DE CONDUTA

A exigência de modos de comportamento condizentes com o modo esportivo de ser está de acordo com o modelo ocidental de racionalização, cujas bases reconhecem o esporte como uma prática secular, burocrática, quantificada, racional, em busca de records, que preza a igualdade de chances e a especialização de papéis - elementos condizentes com o desenvolvimento de um racionalismo técnico-burocrático para a formação da sociedade moderna. Além disso, assim como nos diz Weber (2005, p. 32), o racionalismo econômico, parcialmente dependente da técnica e do direito racional, está perpassado “[...] pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática”.

Para mostrar como o esporte estaria de acordo com um modo de conduta condizente para o desenvolvimento do capitalismo, Weber cita como o comportamento ascético dos primeiros protestantes voltava-se contra os desfrutes da vida e de tudo o que ela tem para oferecer. O esporte como diversão era visto não apenas como um desvio, mas também uma ofensa contra uma vida santificada. Todavia,

[...] os puritanos sustentavam sua característica mais marcante: o princípio da conduta ascética, sua aversão pelo esporte não era uma questão de princípio. O esporte seria aceito se ele servisse a um propósito racional, o da recuperação necessária à eficiência física. Mas como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, era-lhes suspeito; e à medida que fosse apenas um instinto ou do instinto irracional da aposta, era obviamente condenado (WEBER, 2005, p. 125).

Trata-se do modo como o comportamento esportivo acompanha o processo moderno de racionalização atual, capaz de assegurar a previsibilidade e calculabilidade das ações, ao

mesmo tempo em que trabalha com a vontade de vencer, mas não como uma busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 1983). São experiências para se tornarem incorporadas, ou, no sentido proposto por Bourdieu (1996, p. 144), um ter que se tornou ser, um *habitus*, um capital cultural incorporado, isto é, “um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo”.

Para além do elemento econômico, o capital simbólico (capital econômico, cultural, escolar ou social) está impresso em modos de conduta, de modo a caracterizar o esporte como um bem cultural de importância e valor social, distintivo de pessoas, grupos ou classes. Trata-se, portanto, da formação de padrões de comportamento que constituirão as particularidades do sujeito e da sociedade moderna. Não é à toa, portanto, que Bourdieu (1983) nos fala da passagem do jogo ao esporte nas *public schools* inglesas como forma de atender a um tipo de educação focada na formação da coragem, vontade e virtude dos líderes; como também, Garrigou (2005) e Coury (2005), analisando a obra de Nobert Elias, relatam como o esporte traduz regras de conduta e de comportamento condizentes com o impulso civilizador que toma forma na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

Desse ponto de vista, o movimento esportivo inglês, como explica Ramos (1982), era considerado um “cristianismo muscular” que possuía em seus fundamentos a formação do caráter pela integração de atividades físicas de cunho pedagógico, moral e social. Com tais bases, Marinho (2005) afirma que o esporte é vetor para a formação de um caráter ideal, em que se destacam a coragem, a tenacidade, a perseverança, a generosidade, o espírito de disciplina, a solidariedade e cooperação, energia, confiança em si, lealdade e predisposição ao combate.

A expressão máxima dessa concepção é o *fair play* ou “jogo justo”. Muito mais do que um vocábulo, o *fair-play* é uma concepção e um tipo de atitude de jogadores perante situações esportivas, quando se evidenciam conceitos éticos e morais. Se, por um lado, para Adorno

(1995, p. 112), o esporte possui um caráter ambivalente, pois ao mesmo tempo em que possui um efeito antibarbárico e antissádico (representado pelo *fair play*), também pode fomentar a agressão, a crueldade e o sadismo, por outro, para Bourdieu (1983), o *fair-play* é uma forma de jogar o jogo sem se levar por ele, sem se esquecer de que se trata apenas de um jogo.

O *fair play* representa o respeito do indivíduo por si próprio, recordando a cortesia e a honra do cavaleiro pela exaltação da integridade, da honestidade na competição, da modéstia na vitória e de serenidade na derrota (RAMOS, 1982). Para Vargas (2007), este conceito, essencial em qualquer atividade esportiva, refere-se ao conjunto de regras de conduta que permite divulgar e praticar o esporte em busca do desenvolvimento do indivíduo, do bem-estar, do prazer, da saúde e da sensibilidade para com o meio ambiente. Muito mais do que respeitar regras, o *fair play* representa um modo de pensar e um comportamento contrários à trapaça, à violência, ao doping, à desigualdade de oportunidades, etc. Nesse contexto, a competição deve ser questionada quando normas e valores são desviados por motivos como - explicam Elnaldi e Riffat (1993) - a minimização dos componentes lúdicos e educacionais, quando poucas modalidades são valorizadas por causa da espetacularização, profissionalização extrema e especialização precoce, a estafa dos atletas, o *doping*, o lucro acima de tudo, o chauvinismo, o sectarismo, etc.

As “Regras Oficiais do Voleibol” (Confederação Brasileira de Voleibol, 2005) explicam que os jogadores que se comportam de forma esportiva conhecem as regras oficiais do jogo, aceitam as decisões dos árbitros, não encobrem faltas cometidas por sua equipe e contribuem para um comportamento respeitoso e cortês para com árbitros, autoridades, adversários, companheiros de equipe e espectadores. Ações efetivas do *fair play* durante o jogo de voleibol tomam forma quando, por exemplo, se levam em conta as condições descritas a seguir:

O toque na rede de voleibol acusado pelo infrator é um excelente ingrediente, se explorado com

habilidade pelo professor, para valorizar a honestidade. A frequência às aulas, a vitória sobre os sacrifícios impostos pelos treinamentos rigorosos, a melhoria das aptidões ressaltadas pelo mestre, inculca nos alunos a importância da perseverança na conquista dos objetivos (ROCHA, 1975, p. 22).

É necessário propor padrões de conduta para as ações esportivas referentes às normas perseguidas para a harmonia social. Com relação aos praticantes, Vargas (2007, p. 98) aponta os seguintes elementos: (1) respeitar as regras; (2) nunca discutir com os árbitros; (3) controlar o temperamento e não utilizar linguagem grosseira; (4) enxergar os treinamentos como oportunidades de aprendizagem; (5) aplaudir as jogadas bonitas; (6) tratar os outros como deseja ser tratado; (7) cooperar com o treinador; (8) praticar o esporte por prazer e divertimento.

No caso específico do voleibol, a CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) apresenta um código de ética que define os princípios de conduta a serem adotados nas questões esportivas. Dentre os diversos itens que compõem o documento, encontramos um código de ética referente aos deveres e responsabilidades dos atletas:

**Art. 29** Dedicar-se ao condicionamento físico e ao aprimoramento técnico, estando qualificados para alcançar a vitória, dentro do espírito do esporte, ou ainda, compondo equipes de Voleibol engajadas e competitivas;

**Art. 30** Conhecer plenamente, valorizar e cumprir rigorosamente as leis, regulamentos e normas oficiais do esporte, tanto em competições realizadas no País como no exterior;

**Art. 31** Jogar com determinação, acatando as resoluções dos árbitros, as orientações dos técnicos, dos colaboradores e tratando os oponentes com respeito e consideração, além de evitar ofender o público presente aos jogos;

**Art. 32** Defender os interesses do Voleibol, em particular, e das

atividades esportivas, de modo geral, com especial ênfase aos valores, práticas e interesses de superação que devem nortear a conduta do esportista;

**Art. 33** Rejeitar com energia qualquer tendência ou manifestação de violência, racismo, uso de drogas, estimulantes químicos desautorizados, corrupção passiva ou ativa, dentro ou fora âmbito esportivo;

**Art. 34** Acatar com disciplina e postura equilibrada a eventual punição regulamentar, manifestando-se com serenidade, através dos meios legais, em caso de discordância;

**Art. 35** No relacionamento com os meios de comunicação, manifestar opiniões de modo responsável, equilibrado e coerente aos princípios e interesses do clube que representar e das entidades esportivas às quais se vinculam (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2001, p. 4).

O que é preciso indagar nesse contexto é a maneira como os modos de conduta representados pelo *fair play* dialogam com a inserção social do esporte, e as contradições políticas e históricas que engendram formas de comportamento. Bracht (1992) já enfatizou como a prática educativa do esporte esteve historicamente ligada a uma aprendizagem social para ensinar a conviver com a vitória e a derrota, a respeitar incondicionalmente as regras, a vencer a partir do esforço pessoal, a competir e respeitar a autoridade do árbitro. Porém, quando não se levam em conta contextos sociais, a defesa do bom comportamento torna-se uma prática que subtrai a necessidade de problematização do esporte e, conseqüentemente, de uma sociedade marcada por conflitos e contradições.

De qualquer forma, o que se tem em mente é o papel vital do esporte de estabelecer normas de conduta para conformar o esporte como prática e instituição social cujas características fornecem referenciais para a vida em sociedade.

## VOLEIBOL NO BRASIL: DO ROMANTISMO À ESPETACULARIZAÇÃO

Assim como em outros países, a “história oficial” do voleibol no Brasil está ligada com a Associação Cristã de Moços (ACM), tendo as suas primeiras aparições em terras brasileiras nas entidades com sede em Recife e em São Paulo. Segundo Eraga (1991), o voleibol foi criado em 1895 pelo norte-americano *William George Morgan*, diretor de educação física da ACM da cidade *Holyoke, Massachussetts*, nos Estados Unidos. Inicialmente, o jogo possuía o nome de *Mintonette*, mas por sugestão do pastor *Lawrence Rinder*, Morgan idealizou um jogo para seus alunos e homens de negócio que fosse menos fatigante e competitivo que o basquetebol e não ocupasse tanto espaço como o tênis. Deveria ser um jogo praticado em recintos cobertos ou ao ar livre, por uma quantidade variada de jogadores que utilizassem as próprias mãos para rebater a bola. Interessante notar, com *Matthelsen* (1994), como o voleibol nasce num contexto marcado por condições precárias de vida e de trabalho para a maioria das pessoas, com salários baixíssimos e tempo livre quase inexistente, condições que não impediram a criação de uma modalidade esportiva que poupasse homens de negócio de contatos mais ríspidos e de oscilações climáticas do inverno americano. Nesse sentido, o voleibol trazia consigo, como explica *Marchi Junior* (2004), a marca da distinção de classe respeitando as necessidades de uma elite clubística e cristã.

No Brasil, a discussão sobre o voleibol é dividida por *Koch* (2005) em três fases: amadorismo, romantismo e profissionalismo. A primeira fase tem como marca o ano de 1954, quando da criação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). Nesse período o voleibol era um esporte totalmente amador, de modo que atletas que representavam as equipes e a própria seleção brasileira possuíam empregos regulares como a principal fonte de renda. Na fase do romantismo, período de transição para o profissionalismo, ocorre o início dos esforços para uma real expansão do voleibol no Brasil: é o momento da criação das primeiras equipes profissionais, quando os clubes começam a perder jogadores para empresas que oferecem salários e benefícios para os atletas (essa fase é marcada especificamente pela equipe

denominada de “Geração de Prata”, vice-campeã olímpica em Los Angeles 1984). Foi criado nesse período o saque “Jornada nas estrelas”, e utilizado com eficiência o saque denominado no Brasil de “Viagem ao fundo do mar”, ou para os livros técnicos, o “saque tipo tênis em suspensão”.

A medalha de prata do voleibol masculino em Los Angeles em 1984 é fruto daquilo que Marchi Junior (2004) denomina de “primeira virada” do voleibol nacional, quando a parceria com a televisão, a entrada de novos patrocinadores e os novos modelos de gerenciamento ganham novas formas e impulsionam a modalidade esportiva. Na década de 1980, segundo Cardoso (2000), o voleibol brasileiro abre espaços efetivos para o patrocínio esportivo, tendo como nomes principais Carlos Arthur Nuzman (presidente da CBV da época), Antônio Carlos de Almeida Braga, empresário da Atlântica-Boa Vista, e Luciano do Vale (TV Bandeirantes).

A parceria entre voleibol e televisão atraiu o interesse do público para os eventos realizados e fez com que o perfil dos torneios estivesse de acordo com um conjunto de relações comerciais e políticas esportivas. Sem o aumento do interesse de empresas patrocinadoras que investiram na criação de equipes e a parceria com a televisão, “muito provavelmente o voleibol não registraria um acentuado processo de expansão em termos de aceitação, popularidade e conquistas” (MARCHI JUNIOR, 2003, p. 2).

Nesse contexto, alguns acontecimentos merecem destaque: em julho de 1983 houve uma série de amistosos com a União Soviética, sendo o último deles executado no gramado do estádio do Maracanã sob um tablado. Estima-se que mais de 90 mil pessoas assistiram a este jogo, o maior público da história do voleibol. Outro exemplo foi a transformação de atletas em símbolos sexuais, como estampou a capa da Revista Veja de 15 de setembro de 1982 com a jogadora Isabel e mostrou o filme brasileiro Rock Estrela de 1986, que teve a presença da jogadora Vera Mossa, consubstanciando o que Moreira, Ferreira e Marchi Junior (2009) denominam “produção midiática das musas do voleibol”. Houve também investimentos em equipes femininas, como é o caso do time da

‘Supergasbras’. De acordo com a própria empresa:

Ainda nesse ano (1982), dentro do processo de crescimento, a Supergasbras decide investir em esporte: é criada a equipe de voleibol feminino. A ideia básica é reunir as melhores jogadoras do país, permitindo a formação de uma seleção com elevado índice técnico para disputar as Olimpíadas de Los Angeles, nos Estados Unidos. A ideia se consolida. O sucesso é tão grande que a equipe Supergasbras ajuda o voleibol a se tornar o 2º esporte mais popular do Brasil. O *marketing* esportivo, então recém-inaugurado no Brasil, constitui-se importante ferramenta de propaganda integrando os públicos interno e externo, alavancando a marca em âmbito nacional (SUPERGASBRAS, [2008], p. 1).

Para Marchi Junior (2004), foi necessário modificar o modo de gerenciamento e organização do voleibol para abranger conceitos administrativos e de *marketing*. Forma-se uma contínua relação do voleibol com a informação midiática, em que ídolos esportivos são produzidos, marcas são divulgadas e se veicula o esporte como uma fonte de renda de retorno garantido. Neste sentido, Vlastuin, Almeida e Marchi Junior (2008) apontam que o desenvolvimento gerencial da CBV está de acordo com uma gestão operacional ligada a uma lógica mercantil de espetacularização da prática esportiva, em que o *marketing* atua em função do aumento da demanda para fomentar o lucro de empresas.

Se a década de 1980 representa a fase de profissionalismo, nos anos de 1990 ocorre uma “segunda virada” no voleibol, com sua definitiva espetacularização, tornando-se sinônimo de negócio e consumo (MARCHI JUNIOR, 2003, 2004). Tal movimento está de acordo com as mudanças feitas pela FIVB para melhorar o espetáculo para o público, ratificando regras para “não deixar a bola cair” (permissão para defender com os pés, toque da bola na rede ao ultrapassá-la após o saque, a inserção do líbero, etc.), as quais foram, como reporta Fontenelle (2006),

concomitantes com decisões sobre o nível gerencial do voleibol brasileiro.

É evidente que num contexto como esse o voleibol precisa dar respostas tanto ao público quanto aos patrocinadores, e essa resposta deve vir principalmente na forma de conquistas e títulos. Com a medalha de ouro olímpica em Barcelona em 1992, crescem as expectativas de novas conquistas, o que não se concretizou em nos jogos de Atlanta em 1996 e em Sydney 2000. Marchi Junior (2004) elenca um conjunto de elementos capazes de caracterizar um momento de crise: (1) para a imprensa esportiva o voleibol carecia de ídolos, carisma e títulos; (2) críticas endereçadas à CBV, particularmente no que se refere à parceria com a empresa de *marketing Sportmedia*; (3) a transmissão de jogos de voleibol apenas pela rede fechada de televisão, minimizando as expectativas de retorno e metas a serem atingidas pelos patrocinadores; (4) a cobrança dos dirigentes de clubes com relação à participação e repasse dos recursos; (5) fluxo de jogadores para o exterior por causa do ranqueamento, isto é, pela prática de destinar valores para os jogadores e para as equipes (aos jogadores eram destinados valores de zero a sete, e as equipes deviam montar times que não ultrapassassem os 30 pontos); (6) volatilidade de equipes e seus patrocinadores na principal competição nacional, a Superliga Nacional; (7) o enfraquecimento dos campeonatos estaduais.

Com relação à seleção nacional masculina, esse momento é descrito pelo técnico José Roberto Guimarães da seguinte maneira:

O mais curioso de tudo isso é que pensávamos estar nos preparando para a olimpíada de 1996, que ironicamente não vencemos. A explicação, para mim, é quase óbvia: em 1996, a equipe já era famosa, tinha dinheiro e reconhecimento. Deixou de ter o sonho, o sentimento de responsabilidade. Como grande mola propulsora do ser humano é o sonho, deixamos de fazer o possível e o impossível. Também tivemos alguns problemas de relacionamento, o que nos fizeram parar de funcionar como um grupo para sermos apenas individualidades reunidas (GUIMARÃES, 2002, p. 38).

A fase de insucesso do voleibol brasileiro é superada com a incorporação de novos modelos de gerenciamento e *marketing* e pela parceria público-privada como forma de fortalecer o esporte (MARCHI JUNIOR, 2004). Loes (1998), por exemplo, reporta que Estado do Paraná investiu 05 milhões de reais entre 1997 e 1998 em infraestrutura para atrair empresas interessadas em investir no voleibol e manter escolinhas esportivas para a formação de futuros atletas. Naquele momento, o time feminino do Rexona se instalou no Estado e conquistou o título da Superliga Feminina da temporada. Esse novo período, visto por Marchi Junior (2004) como a “terceira virada” do voleibol brasileiro, possui como uma de suas marcas a contratação do técnico Bernardo Rezende, que assume a seleção brasileira masculina no ano de 2001.

#### **ERA BERNARDINHO, MODOS DE CONDUTA E A ORGANIZAÇÃO METÓDICA DO TRABALHO**

A profissionalização e espetacularização do voleibol brasileiro tiveram consequências não apenas no modo gerencial da prática esportiva, mas também nos tipos de conduta exigidos daqueles que participam da modalidade. As condutas práticas durante o período conhecido como “Era Bernardinho” apresentam o jogo como fruto do processo de trabalho e a vitória de um conjunto de procedimentos técnicos e de comportamento. De certa forma, a “Era Bernardinho” e a “terceira virada” do voleibol brasileiro são marcadas por uma concepção particular sobre a metodologia de trabalho e os modos de conduta esportiva.

Mesmo antes, quando Bernardo Rezende comandava a seleção brasileira feminina, a cultura da mídia já fazia alusões ao estilo do treinador. Numa reportagem intitulada ‘Musas Turbinadas’, Ramos (1998) explica como a melhor “máquina de vôlei” que o Brasil conseguiu montar constava com 12 atletas e um tirano que levava às jogadoras às lágrimas. Uma das primeiras medidas do técnico foi a inclusão da musculação na rotina de treinamento, o que fez com que a qualidade técnica das jogadoras se unisse ao desenvolvimento da força física.

Em 2001 Bernardinho deixa a seleção feminina para comandar a masculina. As

características do estilo de trabalho do treinador são colocadas como o principal motivo pelo qual a equipe brasileira saiu de um momento de ostracismo para entrar numa nova fase de conquistas. Segundo Beting (2001), Bernardinho deu um novo ânimo à equipe, havendo uma troca da dinâmica de trabalho: enquanto o técnico anterior (Radamés Lattari) possuía como foco a conversa e o estilo paizão, Bernardinho enfatiza o ritmo forte de treinamento.

Com isso, uma equipe que não tinha mais confiança em si mesma torna-se uma das mais respeitadas da história do voleibol, conquistando títulos como a medalha de ouro em Antenas em 2004 e a de prata em Pequim 2008, o de tricampeã do Campeonato Mundial em 2002, 2006 e 2010, o de bicampeã da Copa do Mundo em 2003 e 2007 e o de enecampeã da Liga Mundial, sendo oito vezes na intitulada 'Era Bernardinho'. Tais conquistas são vistas como produto de uma metodologia de trabalho que enfatiza não apenas os princípios da ciência do treinamento esportivo, mas também o tipo de comportamento dos jogadores durante os treinamentos e competições. Num tipo de relação com o esporte que justifica o desempenho não pela noção de talento ou dom, exige-se um conjunto de condutas como processo de formação do caráter necessário para a conquista de títulos.

Num conjunto de reportagens publicadas pelo jornal Folha de São Paulo durante o campeonato mundial de voleibol realizado no Japão em 2006, a equipe brasileira masculina é descrita como portadora de seriedade, capacidade de reação, agressividade, vibração, tranquilidade, paciência, coesão e espírito de família. Aliados com elementos técnicos e táticos, os modos de conduta são ingredientes indispensáveis para alcançar objetivos previamente estabelecidos.

O jogo contra a equipe da Grécia foi uma disputa entre a concentração e a vontade de vencer dos jogadores brasileiros e a baixa autoestima dos gregos. Apesar de a seleção grega no primeiro set imprimir, com um saque forçado, um ritmo forte de jogo, a concentração da equipe brasileira fez com que a história da partida mudasse rapidamente. Na opinião do levantador Ricardinho, "o Brasil entrou muito bem, concentrado, e querendo vencer o mais

rápido possível. Eles não reagiram, e nós aproveitamos" (RIVAL, 2006, p. D8). A concentração é um elemento que se alia ou permite que aspectos técnicos e táticos sejam executados de forma eficaz. Para o técnico da seleção brasileira, "nosso mérito não foi só ter a concentração. Jogamos bem com poucos erros. No aspecto técnico, fomos melhores do que na estreia, principalmente no saque. Depois do segundo set eles entregaram os pontos e aproveitei para trocar os jogadores, pensando nas próximas partidas" (RIVAL, 2006, p. D8).

A posterior derrota para a França, ainda na primeira fase do mundial, foi motivo de preocupação: era necessário minimizar a pressão e trabalhar com a cabeça dos jogadores. Apesar de o horário do jogo ser visto com um elemento complicador, pois as partidas estavam marcadas para as 14h, Bernardinho afirma: "Temos de manter o foco, ter mais concentração e trabalhar a parte mental. Os jogadores precisam pensar como eles podem fazer as coisas melhor. Temos que conversar, pensar, ver e trabalhar. E vamos treinando nos próprios jogos" (BRASIL..., 2006a p. D2). A derrota para França foi vista como uma chance de empurrar a equipe para o título: um momento para contornar crises, aprender com os erros e evitar novos tropeços. Uma das saídas para superar a derrota foi entrar na quadra com raiva, acreditando que a equipe era experiente e possuía muito a conquistar. Com esse ponto de vista, a derrota para a França fez com que os jogadores agissem de forma positiva e com vontade de vencer (VINGANÇA..., 2006).

Já no jogo contra a Austrália, a equipe iniciou a partida com muitos erros, principalmente no contra-ataque; entretanto a seriedade e a revolta contra as falhas fizeram com que os brasileiros errassem menos, sendo superiores no bloqueio, ataque e saque. Com a derrota para a França superada, era hora de trabalhar para impedir que a pressão sobre os jogadores pudesse atrapalhar o caminho para a vitória. "Estou tentando não botar muita pressão neles. A pressão já está aí. Todos esperamos mais de nós mesmos" (BRASIL, 2006a, p. D2), afirmou o técnico da seleção brasileira masculina.

A vitória na partida contra a equipe dos EUA foi creditada à atitude dos jogadores, que

evoluíram e se apresentaram com mais raiva e vontade de vencer. Para Bernardinho, “Lutamos por cada bola, sem deixar que os americanos notassem uma expressão de dúvida ou de relaxamento nos rostos de nossos jogadores. Nós estávamos tranquilos. A sensação que temos agora é de que ainda estamos vivos” (GIBA..., 2006, p. D2). Os jogadores apresentaram uma boa qualidade de jogo: “entraram em quadra com muita concentração, força no saque e atenção na defesa, aproximando da perfeição. Se formos consistentes assim nas próximas partidas, temos boas chances de avançar às semifinais” (GIBA..., 2006, p. D2).

Um problema com a seleção ocorreu no jogo contra a equipe da República Tcheca, com alguns desentendimentos durante a partida. Ricardinho, capitão da equipe naquela ocasião, creditou tal situação ao fato de os atletas entrarem desconcentrados na quadra e com a certeza da vitória. Contrário a tal atitude, o jogador afirma: “Para mim o que interessa realmente é dentro da laranja [quadra]. É a forma que eu penso, é ali dentro que se cobra, tem que brigar, o que vem de fora realmente não tem problema algum” (RICARDINHO..., 2006, p. D5). Problemas ocorreram também no jogo contra a Bulgária, quando de uma discussão entre alguns jogadores da equipe (Ricardinho, Gustavo e Escadinha). Apesar de o jogador Marcelinho afirmar que foi um dos piores atritos que já presenciou na seleção, acredita que o espírito de família prevaleceu e as discussões fortaleceram o grupo, sendo ali construído o caminho para a vitória.

Adiante, os problemas foram esquecidos e o que prevaleceu no jogo contra a Itália foi a rivalidade existente com os italianos, com os quais os confrontos são marcados por tensões, provocações e duelos em momentos decisivos. Para não haver tropeços, é preciso que uma equipe tenha, segundo Bernardinho, “muita agressividade e tranquilidade, tentar botar pressão para que sintam que somos o Brasil que conquistou essas medalhas até agora” (SELEÇÃO..., 2006a, p. D5). A vitória do Brasil contra a equipe italiana por 3 a 0 foi creditada ao tipo de relacionamento dos jogadores em quadra, particularmente pela amizade existente entre o atacante Giba e o levantador Ricardinho. Segundo a reportagem do jornal aqui analisado,

“eles são companheiros, a dupla mais unida da seleção. Brincam nos treinos, trocam experiências, fazem companhia um ao outro na Itália. Mas é dentro da quadra que a sinergia entre os dois fica cada vez mais evidente” (AMIGOS..., 2006, p. D3).

Uma das semifinais do campeonato mundial de 2006 foi realizada entre as equipes do Brasil e da Sérvia & Montenegro. Tido como um jogo difícil, pois os times mutuamente se conhecem, era necessário ter paciência para chegar à vitória. Uma das armas da equipe foi a sintonia entre os jogadores Ricardinho e Escadinha, sendo o primeiro assim definido: “Levantador genial e genioso, é o que mais cobra do grupo” (SELEÇÃO..., 2006b, p. D1); o segundo, com suas defesas complicadas, “dá mais confiança aos companheiros” (SELEÇÃO..., 2006b, p. D1). No jogo da semifinal, a qualidade dos aspectos técnicos, como saque, ataque e bloqueio, aliou-se com a paciência, num jogo em que, como afirma o treinador, no “terceiro set jogamos com o coração, da forma como temos feito nos últimos seis anos e mostramos o que sabemos fazer” (TIME..., 2006, p. D2).

Para a conquista do bicampeonato mundial faltava a última partida contra a equipe da Polônia. A decisão foi vista como um desafio que poderia colocar em xeque não apenas a qualidade técnica dos jogadores, mas também a “recuperação psicológica” após a derrota para França e as discussões entre alguns jogadores na partida contra a Bulgária e a República Tcheca. Na partida final os atletas precisariam, como afirmou Bernardinho, “mostrar a mesma fome pela vitória de 2002” (BRASIL..., 2006b, p. D7), quando a equipe se consagrou campeã mundial. É destacada nesse ponto a união entre os amigos, a qual, para Santos (2006, D7), promove as vitórias da equipe brasileira: “nenhum outro time faz tanta festa em quadra para comemorar os pontos e a vitória como o Brasil” (BRASIL..., 2006b, p. D7).

As condutas práticas de uma equipe vencedora pressupõem um grau elevado de agressividade aliada com tranquilidade, para que o ritmo das partidas seja imposto pelo time campeão. Mesmo com problemas internos ou discussões, os atritos entre jogadores é resultado da própria vontade de vitória e do objetivo maior, que vai além das vontades ou vaidades

dos atletas. De certa forma, o espírito de equipe e de família surge quando os jogadores são desafiados por outros times que ameaçam a vitória e, numa atmosfera familiar, a vibração e a alegria com os pontos marcados fazem aumentar a integração de uma equipe concentrada.

Nessa mesma linha de raciocínio, ao analisar os motivos que levaram a equipe masculina ao bicampeonato mundial, Chevrand e Merguizo (2006) apontam, para além do trabalho realizado, as seguintes virtudes: simplicidade (o grupo se fecha para as consequências da fama, como a vaidade e luxúria), diligência (do treinamento e da preparação é que surge a confiança), generosidade (a equipe compartilha vitórias e fracassos), abstinência (constante demonstração de desapego), paciência (todos sabem esperar a sua hora e seu momento), caridade (os atletas não entram em quadra sem se abraçarem, sem se cumprimentarem, numa relação marcada pela amizade e pelo afeto) e humildade (mesmo a melhor equipe pode ser derrotada).

Tais condutas não são fruto de um caráter particular ou do talento natural, mas produto e parceiro da própria metodologia de trabalho. A busca inatingível pela perfeição, a disciplina e a possibilidade de dar o melhor de si não se formam pela soma de talentos pessoais, mas pela organização e planejamento das atividades que são realizadas para a conquista dos primeiros lugares. O método reconhecido do treinador é este: “Bernardinho imprimiu no time uma filosofia de constante evolução e sacrifício. A cada ano os treinos começam mais cedo. Qualquer intervalo é usado para trabalhar. O técnico só se contenta se vê os atletas darem o máximo. O resultado: 18 competições, 17 finais e 14 títulos” (LAJOLO, 2006, p. D1).

O que causará a união da equipe não é simplesmente o fato de todos os jogadores terem habilidades impressionantes, mas também o tipo de relação estabelecido com o trabalho durante jogos e treinamentos. As condutas formadas e revalidadas no processo de trabalho produzem estratégias táticas em que os erros são algo a ser utilizado em benefício próprio, revoltando-se contra eles e agindo de forma positiva no caso de dificuldades. A própria derrota permite rever estratégias e atitudes e trabalhar mais.

Não como aspectos transcendentais, os elementos que caracterizam as condutas práticas relacionadas ao voleibol são fruto de uma metodologia de trabalho que imprimiu no time uma filosofia de constante evolução e sacrifício. Horários de treinamentos e reuniões são sagrados, sendo que os treinos ocorriam pela manhã e à tarde (quando não havia jogo); pela manhã nos dias de jogo, com exceção do jogo contra a Holanda, que ocorreu pela manhã, sendo marcado no mesmo dia um treino noturno. “Não haveria folga ou algo parecido. Era jogar, tomar banho, voltar para a Vila Olímpica, jantar, descansar e na manhã seguinte começar tudo de novo” (BERNARDINHO, 2006, p. 167).

Não apenas como um meio técnico de funcionamento, mas como uma maneira específica de comportamento com metas previamente estabelecidas, é preciso propor normas de conduta que digam respeito não a indivíduos isolados, mas a uma coletividade que compõe uma equipe esportiva. Um conjunto de fatores ligados a formas de comportamento constrói uma equipe vitoriosa, com jogadores obstinados, generosos, observadores, corajosos e entusiasmados. Nesse mesmo sentido, Bizzocchi (2008) apresenta que uma grande equipe de voleibol se faz não apenas de músculos e neurônios, mas por capacidades como percepção, concentração, criatividade, decisão, motivação, autoconfiança, determinação, força de vontade, controle de todos os tipos de estresse, responsabilidade social, liderança, união e comunicação.

A organização metódica do trabalho e as condutas práticas já se encontravam presentes em experiências no voleibol. Na década de 1970, o treinador da seleção japonesa feminina, vice-campeã olímpica em Munique em 1972, Yasutaka Matsudaira, com o projeto de reformular o voleibol japonês, estudou equipes adversárias e concluiu que era necessário possuir a força dos soviéticos, a margem mínima de erros da Alemanha Oriental, a habilidade dos tchecos, a emotividade dos romenos, o trabalho em equipe do Japão, a impulsão dos cubanos e o poderio da Bulgária (MATSUDAIRA, s/d). Estes aspectos estavam interligados com seis outros elementos que determinam os resultados: força física, técnica e tática, experiência, poder mental, trabalho de grupo e habilidades dos

técnicos. Cardoso (2000) relembra também a preparação feita pelo técnico Hirofumi Damaitsu, da seleção japonesa feminina para os jogos olímpicos de Tóquio em 1964, quando seis horas diárias, seis dias por semanas e 51 semanas de treinamento se assemelhavam com um campo de concentração ou um acampamento militar. Ainda, uma obra organizada por Ferreira (2002) sobre a equipe brasileira masculina campeã olímpica em Barcelona 1992, comandada por José Roberto Guimarães, apresenta que a medalha de ouro foi conquistada por uma equipe que, além de ter trabalhado muito, possuía, entre outras qualidades, sensibilidade, seriedade, equilíbrio, foco e experiência.

O que se deve enfatizar é que tais elementos não são abandonados, mas ressaltam que o avanço técnico e científico, que produz o que poderíamos chamar de ciência do treinamento esportivo, perderia sentido sem a presença dos modos de conduta que conformam o esporte moderno. As seleções brasileiras de voleibol apresentam metodologias de treinamento, estudo de adversários, desenvolvimento de tecnologias, composição de equipes, estudos na área da fisiologia do exercício, nutrição e psicologia esportiva, salários, premiações, instalações adequadas e outras condições que sustentam, incentivam e informam as condutas ligadas à *performance* esportiva.

Seriedade, capacidade de reação, agressividade, vibração, tranquilidade, paciência, coesão, espírito de família, amizade, perseverança, obstinação e sacrifício representam a racionalização metódica da conduta esportiva, tornando o esporte uma prática ascética, pois se trata da produção de um tipo de subjetividade por meios de práticas e relações sociais ligadas à vontade e postas como fenômeno político e social. Sem trabalho não há merecimento; o único caminho para alcançar metas preestabelecidas é o esforço. O dom ou o talento estão ausentes naqueles que se não se dedicam ao trabalho, naqueles que se contentam com pouco ou relaxam quando a vitória foi alcançada.

A produção de uma racionalidade centrada no trabalho metódico possui na eficiência o propósito racional que as práticas esportivas devem possuir. Se, num primeiro momento, o

intuito é eliminar o desfrute da vida e tudo o que ela tem para oferecer, noutro, não há diversão maior nem prazer mais profundo do que a vitória conquistada com esforço e dedicação. Os sacrifícios serão recompensados com a glória daqueles que buscam incessantemente o lugar mais alto do pódio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões feitas nesse trabalho, a prática esportiva pressupõe modos de conduta que devem marcar presença em atletas como um elemento norteador das condutas práticas condizentes com o modo esportivo de ser. Para além da massificação de produtos ligados ao voleibol, como diria Bourdieu (1996), esta análise se concentra nas condutas práticas como uma resposta coerente e consciente não de determinações externas, mas sim, dos modelos e procedimentos que são oferecidos para incorporar comportamentos que estruturam disposições nas dimensões ética, política e social.

Com as discussões feitas sobre a equipe masculina de voleibol durante a “Era Bernardinho” foi possível perceber como as práticas esportivas estão de acordo com uma metodologia de trabalho em que o racionalismo técnico-burocrático está aliado com modos de conduta que definirão os rumos de uma equipe. Seria necessário apreender tais elementos como fruto de contextos mais amplos, situando-os para além da tendência de reduzir o processo de expansão do voleibol no Brasil ao “economicismo” ou à “espetacularização”. Evidentemente, as empresas patrocinadoras que investem no voleibol estão à procura de aumento de seus lucros; todavia, apesar de a espetacularização do voleibol trazer como uma de suas principais consequências o fornecimento de um produto a ser adquirido nos moldes da sociedade de consumo, compondo disposições para o esporte espetáculo, é necessário, com Bourdieu (1996), problematizar como um reducionismo pode ocorrer quando as leis de funcionamento do campo econômico são consideradas para todas as esferas do campo social.

Neste sentido, por exemplo, não é possível deduzir que o interesse pelo voleibol, nem dos

professores nem dos alunos de Educação Física, seja um consentimento dos parâmetros de consumo oferecidos pela espectacularização do esporte. É necessário reconhecer as especificidades do campo do esporte educacional, a maneira como esse produz seus interesses, suas práticas, seus movimentos, intenções, formas de resistência e reconstrução que não dizem respeito a uma versão degradada do esporte de rendimento nem a uma aceitação incontestável das necessidades tanto ideológicas como econômicas do mercado.

Quando analisamos os modos de conduta da seleção masculina de voleibol, a atividade esportiva possui um caráter ascético, pois está relacionada com a produção de modos de ser e de relacionar-se consigo mesmo e com os outros, numa prática que exige esforço, repetição e renúncia. Há na atividade esportiva um processo de formação de uma identidade a ser recusada e outra a ser perseguida; deixa-se de lado a vida sedentária e preguiçosa em função de outra baseada no esforço, disciplina e dedicação. São estabelecidas relações sociais entre pessoas ou grupos que compartilham os mesmos objetivos e seguem os mesmos princípios, configurando um fenômeno político-social em que está em jogo a criação de modelos sociais.

Não se trata, todavia, de intimidação ou coerção externa, mas da própria disponibilidade dos atletas para praticar e incorporar os modos de conduta da prática esportiva. Os modos de comportamento requeridos trabalham com a vontade e o desejo, numa conotação em que não há um poder externo que delimite onde, quando ou por que fazer, mas que provém da vontade dos próprios praticantes. O atleta compreende que as suas habilidades não são suficientes para a vitória, por isso deve adotar modos de conduta que lhe oferecerão as ferramentas necessárias para garantir lugar nas equipes vencedoras. Há aqui o cruzamento das decisões pessoais dos esportistas com as características mais amplas dos processos de racionalização das instituições sociais, o que Lucena (2002) aponta, com Nobert Elias, como um processo de individualização, na perspectiva de uma relação íntima que se estabelece entre o processo civilizador individual e o processo civilizador social.

Trata-se de uma formação cultural em que a atividade esportiva é instrumento para consolidar um conjunto de atitudes que devem ser incorporadas pelos indivíduos nas suas práticas cotidianas. Aprendem-se, portanto, não apenas as regras

necessárias para a prática do jogo, ou não somente os elementos técnicos e estratégias táticas, mas também modos de conduta necessários para situações esportivas e sociais.

O que se sabe é que os modos de conduta relacionados com o esporte merecem outras investigações, como, por exemplo, as relações de tais condutas com os processos de civilização nos moldes apresentados nos tempos atuais e suas relações com a violência social, assim como faz Defrance (2005). É preciso, ainda, perceber como o processo de expansão do voleibol no Brasil possui características particulares quando se trata das diferenças entre as equipes masculinas e femininas, também pelo viés das condutas práticas. Nesse entremeio, seria interessante também recompor os modos de conduta presentes em jogos e práticas atletas executados em tempos remotos e como estes se reconfiguram nos dias de hoje.

É interessante notar também que o modo como se dá a relação entre exigências de comportamento e condutas práticas não condiz necessariamente com uma resposta direta e eficaz de disciplina. Existem também os casos de “indisciplina”, como aponta o estudo de Moreira; Ferreira, Marchi Junior (2007), quando atitudes da jogadora Jackeline, da seleção feminina dos anos 80, foram consideradas contrárias à lógica de organização do voleibol que começava a se compor naquele momento. Também há o caso, em 2008, do corte do jogador Ricardinho da seleção brasileira masculina, com especulações sobre o comportamento inadequado do jogador para com o técnico Bernardinho.

De qualquer forma, o que se sabe é que o desenvolvimento de um aparato tecnológico, o investimento de grandes somas em dinheiro no esporte, a organização de grandes eventos, a difusão de modalidades esportivas para diversos grupos, entre outros aspectos, representam a legitimidade e, paradoxalmente, a precariedade em que tem se convertido a vida em tempos de consumo fácil e de relacionamentos descartáveis. Enfim,

Ninguém sabe a quem caberá no futuro viver nessa prisão ou se, no final desse tremendo desenvolvimento surgirão profetas inteiramente novos, ou se haverá um grande ressurgimento de velhas ideias e ideais ou então, no lugar

disso toda uma petrificação mecanizada ornamentada com um tipo de desenvolvimento cultural, seus integrantes poderão de fato, ser chamados de 'especialistas sem

espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado' (WEBER, 2005, p. 135).

---

## ETHICS IN VOLLEYBAL AND THE SPORTING SPIRIT

### ABSTRACT

This paper investigates how sport offers rules of behavior which justifies, approves and promotes sporting conquest. Therefore, it analyses what has been known as 'Era Bernardinho'. Having a rationality based on the willing of the players to take certain actions during training, games and tournaments, the sport activity is seen as part of an ascetic practice, as it is related to rules, values and practices which identify people and take to themselves certain features.

**Keywords:** Sport. Volleyball. Behaviour.

---

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AMIGOS conduzem Brasil no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 nov. 2006. Esporte, p. D3.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em categorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERNARDINHO. **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BETING, E. A grande virada. **Revista Lance a Mais**, São Paulo, n. 46, p. 28-37, 15-21 jul. 2001.
- BIZZOCCHI, C. C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. Barueri: Manole, 2008.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papius, 1996.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES: CEFED, 1997.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL avança, mas não tira foco da França no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2006a. Esporte, p. D2.
- BRASIL repete fome de 2002 para brilhar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 dez. 2006b, Esporte, p. D7.
- CARDOSO, M. **Os arquivos das olimpíadas**. São Paulo: Panda, 2000.
- CHEVRAND, D.; MERGUIZO, M. Redenção: exemplo de união, humildade e garra, a seleção masculina de vôlei derrota a França de virada e, finalmente, traz o hexa para o Brasil. A+: A Revista do Lance, [S.l.], ano 07, n. 312, p. 12-18, 2-8 set. 2006.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Código de Ética**. 2001. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/cbv2008/institucional/cetica.as.p>>. Acesso em: 28 maio 2010.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Regras Oficiais de Voleibol 2005-2008** (Edição Nova). Disponível em: <[www.cbv.com.br/.../REGRAS%20OFICIAIS%20DA%20FIVB%20%202005-2008.DOC](http://www.cbv.com.br/.../REGRAS%20OFICIAIS%20DA%20FIVB%20%202005-2008.DOC)>. Acesso em: 17 ago. 2009.
- COURY, G. Nobert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de regroupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Nobert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 123-144.
- DEFRANCE, J. O gosto pela violência. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Nobert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 231-240.
- ELNALDI, B; RIFAAT, A. Editorial. **O Correio da Unesco**, ano 21, n. 3, p. 04, 1993.
- ERAGA, F. **Conhecer o voleibol**. Lisboa: Ministério da Educação, 1991.
- FERREIRA, A. F. F. (Coord.). **Um por todos, todos por um: lições da equipe campeã olímpica de vôlei**. São Paulo: Gente, 2002.
- FONTENELLE, A. Um esporte em movimento. **Revista Veja**, São Paulo, ano 39, n. 49, p. 73-74, 13 de set. 2006.
- GARRIGOU, A. O grande jogo da sociedade. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Nobert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 65-90.
- GIBA desencanta, e Brasil derrota os Estados Unidos no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2006. Esporte, D2.
- GUIMARAES, J. R. O desafio de ser líder. In: FERREIRA, A. F. F. (Coord.). **Um por todos, todos por um: lições de uma equipe campeã olímpica de vôlei**. São Paulo: Gente, 2002. p. 29-40.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e a política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- KOCH, R. **Tie-break: a saga dourada do vôlei masculino do Brasil**. Porto Alegre: Ed. Dora Luzzatto, 2005.

- LAJOLO, M. Reis! Brasil é bi mundial e atinge soberania. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 dez. 2006. Esporte, p. D1.
- LORES, R. J. Jogada simples: Paraná atrai equipes oferecendo ginásios e pistas. **Veja**, São Paulo, edição 1548, 27 maio.1998.
- LUCENA, R. Elias. Individualização e mimesis no esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 113-138.
- MARCHI JUNIOR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 77-112.
- MARCHI JUNIOR, W. **Sacando o voleibol**. São Paulo: Hictec, 2004.
- MARCHI JUNIOR, W. Voleibol e mídia: lances de um jogo desconhecido. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13., 2003, Caxambu. **Anais...** Campinas: CBCE, 2003.
- MARINHO, I. P. Do valor bio-psico-social do jogo em particular e dos exercícios físicos em geral - a sua influência na formação do caráter e mesmo na sua modificação: observações a respeito. In: MARINHO, I. P. **Coletânea de textos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005. p. 17-34.
- MATSUDAIRA. Volleyball para vitória. In: INTERNATIONAL VOLLEYBALL FEDERATION. Confederação Brasileira de Volley-Ball. Manual do Treinador. [S. l.]: Palestra Edições, s/d.
- MATTHELSEN, S. Q. Um estudo do voleibol: em busca de elementos para a sua compreensão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 194-199, jan. 1994.
- MOREIRA, T. S.; FERREIRA, A. L.; MARCHI JUNIOR, W. O profissionalização do voleibol feminino no Brasil: o caso da atleta Jackeline Silva. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 10., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas, SP: Unicamp, 2007. Disponível em: <www.uel.br/grupo-estudo/...PDF/Tatiana\_Sviesk\_Moreira.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2010.
- MOREIRA, T. S.; FERREIRA, A. L.; MARCHI JUNIOR, W. Mídia e esporte: o advento das musas do vôlei. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2009.
- RAMOS, C. H. Musas turbinadas. **Revista Época**, Rio de Janeiro, p. 52-53, 26 out. 1998.
- RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa, 1982.
- RICARDINHO faz críticas aos colegas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 nov. 2006. p. D5.
- RIVAL desiste, e Brasil faz treino de luxo no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 nov. 2006. Esporte, p. D8.
- ROCHA, V. **Iniciação desportiva: planos de aula**. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.
- SANTOS, C. Revolução e lenda em quadra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 de dez. 2006. Esportes, D7.
- SELEÇÃO de vôlei pega inimigo íntimo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 nov. 2006a. Esporte, p. D5.
- SELEÇÃO joga para não viver pesadelo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2006b. Esporte, p. D1.
- SUPERGASBRAS. **Histórico**. [2008]. Disponível em: <http://www.supergasbras.com.br/e\_hist.aps>. Acesso em: 15 nov. 2008.
- TIME supera pane, avança e prega concentração total. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 dez. 2006. Esporte, p. D2.
- VARGAS, A. **Ética: ensaios sobre educação física, saúde social e esporte**. Laboratório de Estudos de Cultura Social Urbana Vargas. Rio de Janeiro: LECSU, 2007.
- VINGANÇA move reação do Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 nov. 2006. Esporte, p. D3.
- VLASTUIN, J.; ALMEIDA, B. S.; MARCHI JUNIOR, W. O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 29, n. 3, p. 9-24, maio 2008.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Recebido em 23/08/09

Revisado em 27/05/10

Aceito em 19/06/10

**Endereço para correspondência:** Quéfren Weld Cardozo Nogueira. Alameda Gilberto Vieira Leite, 99, Bairro Coroa do meio, CEP 49035-360, Aracaju-SE, Brasil. E-mail: quefrenweld@yahoo.com.br